

Um convite ao viver criativo: voando fora da asa com o psicanalista e o poeta¹

Joana Chissini²

Paula Melgaço³

Regina Murat⁴

RESUMO Propõe-se neste trabalho o desenvolvimento do conceito de criatividade segundo Winnicott, a partir da tessitura de um diálogo entre o psicanalista inglês e o poeta brasileiro, Manoel de Barros. Há como interesse a manifestação do brincar pelas palavras, presente tanto na edificação da teoria de Winnicott quanto na desconstrução e na reconstrução de mundo dos versos subversivos de Barros.

PALAVRAS-CHAVE criatividade; espaço potencial; viver criativo; poesia; psicanálise

“A criatividade que me interessa é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo. [...] tudo que acontece é criativo, exceto na medida em que o indivíduo é doente, ou prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos.”

(Winnicott, 1975, p. 98)

1. Trabalho apresentado no evento “Viver Criativo: Winnicott Convida”, outubro de 2018, PUC-Rio. Apoio financeiro do Instituto de Estudos Avançados sobre Humanidades, PUC-Rio.

2. Psicóloga graduada pela PUC-Rio.

3. Doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-Rio), Mestre em Psicologia (PUC-MG), Especialista em Psicanálise com Crianças e Adolescentes (PUC-MG).

4. Professora-Supervisora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Membro Efetivo da International Psychoanalytical Association.

Para compreender o pensamento de Donald Winnicott precisamos criar um espaço transicional que nos permita brincar com a experiência que sua teoria nos proporciona (Outeiral; Graña, 1994). A partir de um diálogo inventado entre o psicanalista inglês e o poeta brasileiro Manoel de Barros tentaremos facilitar esta compreensão e colorir a arte com as ideias da psicanálise e da poesia.

Para tanto, lançaremos mão do conceito de criatividade de Winnicott. É imperativo ressaltar que o autor expande essa noção para além das criações exitosas e aplaudidas, presentes principalmente nas consideradas obras de arte, pensando a criatividade como “um colorido de toda atitude em relação à realidade externa” (Winnicott, 1975, p. 108). “Verdade que uma criação pode ser um quadro, uma casa, um jardim, um vestido, um penteado, uma sinfonia ou uma escultura; tudo, desde uma refeição preparada em casa. Dizendo melhor talvez, essas coisas poderiam ser criações” (Winnicott, 1975, p.113).

Trata-se, portanto, de atitudes que podem ocorrer em situações comuns do cotidiano e que resultam na sensação de que “a vida é digna de ser vivida” (p. 108), ou seja, a criatividade relaciona-se com produções que rompem com estados de submissão, em que o sujeito se posiciona em suas relações com o ambiente de forma automática, abrindo espaço para expressões únicas que o representam.

É imprescindível destacar que os processos criativos necessitam de um ambiente suficientemente bom, seguro e confortável para que ocorram, ou seja, de uma “área neutra em que a experiência não será contestada” (p. 27), nomeada por Winnicott como espaço potencial, “uma área intermediária de experimentação” (p. 12) e que se situa entre a realidade interna e a realidade externa. Ogden (2017), em sua releitura da obra de Winnicott, afirma que o espaço potencial seria um lugar – onde acontece o brincar, a análise, a cultura, o viver criativo – alojado entre a fantasia e a realidade.

O espaço potencial é importante desde as primeiras relações do bebê com o ambiente, permanecendo essencial ao longo da vida do sujeito, onde ele pode experimentar livremente sentimentos e diversas facetas do seu próprio eu. A criatividade, portanto,

É algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma

sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical. Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança retardada que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir, e pensa em termos do material a ser utilizado, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele (Winnicott, 1975 p. 114).

Winnicott (1999) completa dizendo que, independentemente do conceito que seja utilizado para caracterizar a criatividade, um ponto essencial é a “ideia de que a vida vale a pena – ou não – ser vivida, a ponto de a criatividade ser – ou não – uma parte da experiência de vida de cada um” (Winnicott, 1999, p. 31). A criatividade se origina, portanto, do ser, isto é, de uma experiência espontânea. O sujeito vai além da submissão ao ambiente, sendo capaz de criar e inventar. Trata-se de algo que se origina “na capacidade de criar o mundo” (p. 32), ou seja, na ilusão de onipotência presente na experiência do bebê. Segundo Cervo (2013), o espaço potencial “vai aos poucos se ampliando, abarcando o brincar criativo da criança, o brincar compartilhado com as demais e, mais tarde, as experiências culturais compartilhadas: as artes, o viver imaginativo, as religiões e o trabalho científico criador” (p. 384).

O brincar de Winnicott e o “criançamento” de Manoel

*“o que quer que se diga sobre o brincar de crianças
aplica-se também aos adultos.”*

(Winnicott, 1975, p. 61).

O brincar para Winnicott, localizado na zona entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido e, simultaneamente, pertencendo a ambos é uma experiência em que o sujeito se descobre em sua singularidade. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto frui sua liberdade de criação” (Winnicott, 1975, p. 88). Logo, “o natural é o brincar” (p. 70), isto é, no curso saudável de desenvolvimento, o brincar seria uma expressão positiva, um sinal de saúde. A doença, ao contrário, seria o “resultado do desvio de uma dinâmica natural cujas características centrais são a espontaneidade e a criatividade” (Plastino, 2014, p. 36).

Através do brincar o sujeito se expressa espontaneamente, manifesta algo do seu verdadeiro *self*, encontrando-se numa área de relaxamento e segurança, ausente de tensões e intrusões que podem atrapalhar seu desenvolvimento. “Su-

giro que devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor” (Winnicott, 1975, p. 68).

O exemplo utilizado por Winnicott é o do *setting* analítico, contudo o que nos interessa aqui é a manifestação do brincar pelas palavras, ponto comum entre o psicanalista e o poeta. Assim como Winnicott que brincava com as palavras para edificar sua teoria, Manoel de Barros construiu e desconstruiu sua obra a partir delas e de usos completamente peculiares e inusitados que nos fazem pensar em uma brincadeira repleta de neologismos e criações, como é o caso do “criançamento” do poeta:

Carrego meus primórdios num andor,
minha voz tem um vício das fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criançamento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam nas pernas.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano (Barros, 2019, p. 38).

O “criançamento” de Manoel parece representar seu anseio em produzir nascimentos, aproximando-o do universo infantil. É interessante notar que ele se distancia do que pode ser entendido como erro, enxergando no aparente uso equivocados de uma palavra a “possibilidade de renovação da imagem poética, de ‘desautomatização da língua’” (Barbosa, 2018, p. 112). Assim, quando uma criança troca a função de um verbo, como em “eu escuto a cor dos passarinhos”, Manoel diz que ele delira, concluindo que “em poesia que é voz de poeta [...] o verbo tem que pegar delírio” (Barros, 2016, p. 17).

De acordo com Outeiral e Moura (2002), a arte nos recria e garante que possamos seguir em contato com o que temos de mais autêntico. Talvez seja dessa maneira “brincativa” que Manoel renasça em sua arte poética, desconstruindo aquilo que empobrece as nossas perspectivas e alargando as possibilidades de nos encontrarmos e sermos mais espontâneos no mundo. Afinal, como adverte o poeta, “é preciso transver o mundo” (Barros, 2019, p. 55).

Aflorando Barros: de que forma o poeta “transvê”?

“A palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria”. Assim, Manoel de Barros toca sua poesia. “Brincativamente”, o poeta implica-se na reconstrução de uma realidade acostuada e repetitiva. Sua escrita apreende as miudezas despercebidas do cotidiano (Marinho, 2018). Quando sua poesia aflora, “hoje eu desenho o cheiro das árvores”, Manoel subverte a lógica sensorial existente, extrapolando a percepção imediata e emergindo, desta maneira, no “estofo imaginativo” (p. 17). Com o olhar fecundo de criança e uma imaginação criadora, Manoel faz com que o humano e a natureza recheada de seus elementos orgânicos e inorgânicos mesclam-se, promovendo o reencantamento do mundo. O cotidiano primordial de Barros é “transvisão de sentidos, modulador criativo das esferas do ser, sendo então um estado de criação a serviço da suspensão momentânea do fluxo da vida diária” (p. 19). Talvez aí esteja o mais incrível da expressividade manuelina: desacostumar a forma concebida com a qual olhamos para as coisas e para o mundo. Em outros versos seus, encontramos: “O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor!” (Barros, 1999, p. 20). Como disse Valter Hugo Mãe (2016, p. 9), “as suas palavras adentram um idioma distinto ou idioma nenhum. São de outra liberdade”.

Tessituras “deslimitadas” entre Winnicott e Manoel de Barros

Acreditamos que o interjogo da teoria de Winnicott com os versos de Manoel pode nos auxiliar, diante da sensibilidade inerente aos dois, a encontrar a criatividade que faz com que nos mantenhamos vivos: a capacidade de criar o mundo.

Assim como Winnicott tece elaborações peculiares sobre a subjetividade e a cultura, ampliando a compreensão psicanalítica, Barros transgride os limites da palavra, ampliando a compreensão do que seja poesia. Segundo Souza (2010), o poeta nos deixa ver o deslimite enquanto matéria em sua poesia, uma vez que somos surpreendidos por uma positividade que flagra a “verdez das coisas” (p. 15). Mas o que seria esse deslimite que flagra a “verdez das coisas”? Poderíamos aproximá-lo da criatividade segundo Winnicott?

O deslimite da poesia manuelina estaria ligado a um processo de perda de limite daquilo que se tornou hábito, relacionando-se a um devir no qual o ato de escrever seria um processo sempre inacabado (Souza, 2010, p. 16). Além de não se submeter ao curso lógico da realidade, ele brinca com as regras daquilo que sufoca o discurso. Sua escrita poética parece extravasar as significações

dominantes libertando-se de qualquer tipo de forma, molde ou limite. Winnicott, por sua vez, também apreende um “deslimite” psicanalítico ao adotar uma linguagem simples, que se torna paradoxalmente complexa, para expor suas ideias e nomear fenômenos observados sobre o desenvolvimento psíquico. Arriscamos considerar que Winnicott “transvê” a ideia de criatividade ao oferecer a cada sujeito a possibilidade de usufruir da experiência cotidiana de um viver criativo, de “ser”, caso tenha vivido a experiência de criar o mundo em sua ilusão de onipotência.

A partir do inconformismo de Manoel e de sua potente desconstrução e reconstrução do mundo, observamos que o vazio para ele é cheio de vida, pois é a partir do desconhecimento das coisas, que ele renasce em sua arte poética, construindo subjetivamente um novo espaço mais autêntico. Seu modo de tecer parece subverter qualquer costura: ele desmancha o feito a fim de chegar ao deslimite do fio para que, desta forma, qualquer nova possibilidade de tecer se apresente. Assim como a criatividade para Winnicott (1999) refere-se ao fato de alguém ver tudo pela primeira vez, a poesia criativa e “deslimitada” de Manoel é a “voz de fazer nascimento”. Em ambos, percebemos o sentido que faz a vida ser digna de ser vivida.

“Tudo que não invento é falso”

Conforme descobriam seus interesses em comum, as cartas trocadas entre Manoel de Barros e Donald Winnicott já não eram suficientes para amenizar a curiosidade que sentiam um a respeito do outro. Resolveram, então, que deveriam se encontrar pessoalmente.

Ao pensarem em um lugar para o encontro que não fosse nem o Brasil nem a Inglaterra, mas um espaço paradoxal surgido também da interseção destes dois países, descobriram a “Terra dos Transvercionamentos”, onde a natureza é pródiga e a imaginação fértil. Acertaram os detalhes para que este diálogo peculiar acontecesse num clima de “aconchegamento” diante das expectativas de ambos. Afinal, não é sempre que acontece uma conversa entre um psicanalista-poeta e um poeta-psicanalista. Provavelmente, a tônica desta comunicação deve privilegiar a mescla entre fato e ficção, entre “realidade” e “inventividade”.

Este dia tão esperado chegou!

Winnicott: Manoel, você já reparou que em certas pessoas existe um relacionamento de submissão à realidade externa? Como se o mundo exigisse adaptação e ajuste?

Manoel: Humm, sei... bem que essas pessoas poderiam descobrir o meu livro sobre águas e meninos! Sabe, Donald, é sobre um menino que carregava água na peneira. E ele era tão ligado em despropósitos!

W.: Curioso esse menino... Gostaria de saber mais sobre ele. Estou curioso também!

M.: Bom, certo dia sua mãe reparou que ele gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e atééééé infinitos. Com o tempo, ele descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. No escrever, o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

W.: Está aí, Manoel! Esse menino parece dar um colorido em sua atitude em relação à realidade externa. Nada de apenas reações mecânicas a estímulos. Estamos diante de um viver criativo! Veja bem, para mim, a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica aquele que está vivo.

M.: Que interessante, Donald! Eu também já não gosto de me acostumar, quer dizer, de palavra acostuada. Eu sinto que tudo que não invento é falso.

W.: Saúde! Não se acostumar e inventar são expressões de saúde. E isso é ir contra a submissão. É viver criativamente!

M.: Se não estamos falando “grego”, isso é como a poesia, que é voar fora da asa! Que é a voz de fazer nascimento. O menino que fazia prodígios, por exemplo, modificou a tarde botando uma chuva nela. Até fez uma pedra dar flor!

W.: Sim, como a poesia! E nada de grego, português ou inglês: estamos no mesmo idioma transvercionático! E a criatividade é... é a capacidade de brincar, né? De criar o mundo. E não precisamos de nenhum talento especial para isso. É a base da nossa existência. É o resgate de algo que pertence à experiência infantil. Penso que deva ser como o seu “criançamento”. O que você me diz?

M.: Nossa... pensei agora na criança que diz: eu escuto a cor dos passarinhos. O verbo tem que pegar no delírio!

W.: Como assim pegar no delírio, Manoel?

M.: É que a criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então, se a criança muda a função de um verbo, ele delira! Quer sentir? Imagine pegar na voz de um peixe. Ou... ou... desinvente objetos! Dê ao pente funções de não pentear! Ou ainda imagine palavras que não tenham idioma!

W.: Paradoxos são conosco mesmo! Ah, Manoel, imaginar isso fortalece o sentimento de que estou vivo!

M.: Invenção é aquilo que serve para aumentar o mundo, né?! É tão bom se ocupar com o desconhecer... Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

W.: Como assim? Que princípios?

M.: É... como posso dizer... bem... eu lembro que o rio que fazia uma volta atrás da minha casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Certo dia passou um homem e disse: essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Pronto! Acabou... não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa. Entende? Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem.

W.: Talvez se fixar em um tipo de aprendizado empobreça as possibilidades de criar. Como a submissão de que estávamos falando, que compromete a criatividade.

M.: É, Donald... as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul, que nem uma criança que você olha de ave! Voando fora da asa...

W.: E como a criança que existe em você voa fora da asa?

M.: Brincando com as palavras! A palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria. Não gosto de me acostumar. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às seis da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser outros, Donald!

W.: Realmente voar fora da asa é preciso! Aliás, nós dois gostamos de voar fora da asa...

M.: A imaginação transvê. Já a expressão reta não sonha... Como é preciso transver o mundo!

Tomados pelos sons coloridos da natureza e pelos sabores inebriantes da imaginação, eles não viram o tempo passar. Mas que tempo? E quanto tempo? Imaginação não tem tempo! Ou melhor, tem o tempo de seu próprio tempo.

Então, em algum momento, a despedida aconteceu. Mas que sede! Quanta sede de sonhar mais com as palavras e de aumentar o mundo! Deixaram, assim, marcado um novo encontro. Mas, dessa vez, celebraram os avanços da atualidade e combinaram que logo se encontrariam via Skype. Ou WhatsApp. Ou... quem sabe, Instagram Direct?!

An invitation to creative living:

flying off the wing with the psychoanalyst and the poet

ABSTRACT *In this work it is proposed the development of the concept of creativity according to Winnicott, through the weaving of a dialogue between the English psychoanalyst and*

the Brazilian poet, Manoel de Barros. There is an interest in the manifestation of play by words, present both in the construction of Winnicott's theory and in the deconstruction and reconstruction of the world of Barros's subversive verses.

KEYWORDS *creativity; potential space; creative living; poetry; psychoanalysis*

Una invitación a un vivir creativo: vuelando fuera del ala con el psicoanalista y el poeta

RESUMEN *En este trabajo se propone el desarrollo del concepto de creatividad según Winnicott, basado en el diálogo entre el psicoanalista inglés y el poeta brasileño, Manoel de Barros.*

Hay, como interés, la manifestación de jugar a través de las palabras, presente tanto en la construcción de la teoría de Winnicott como en la deconstrucción y reconstrucción del mundo de los versos subversivos de Barros.

PALABRAS CLAVE *creatividad; espacio potencial; vivir creativo; poesía; psicoanálisis*

Referências

- Barbosa, L. (2018). O não lugar ocupado pela poesia de Manoel de Barros na literatura brasileira. In E. Souza (org.), *Poesia pode ser que seja fazer outro mundo* (p. 113-127). Rio de Janeiro: 7letras.
- Barros, M. (1999). *Exercícios de ser criança*. São Paulo: Salamandra.
- Barros, M. (2016). *O Livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Barros, M. (2019). *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Cervo, L. M. (2013). O mundo virtual: um espaço para criar? *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 15 (2), 381-391.
- Mãe, V. H. (2016). O verbo virgem. In M. Barros, *O Livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Marinho, S. (2018). O cotidiano primordial de Manoel. In E. Souza (org.), *Poesia pode ser que seja fazer outro mundo* (p. 17-31). Rio de Janeiro: 7letras.
- Ogden, T. (2017). O espaço potencial. In *A matriz da mente: relações objetais e o diálogo psicanalítico*. São Paulo: Blucher.
- Outeiral, J.; Graña, R. (1994). Apresentação à edição brasileira. In C. Winnicott; R. Shepherd; Davis, M. (orgs.), *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J.; Moura, L. (2002). *Paixão e Criatividade (Estudos psicanalíticos sobre Frida Kahlo, Camille Claudel, Coco Chanel)*. São Paulo: Revinter.
- Plastino, C. (2014). *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Souza, E. (2010). *Manoel de Barros: a poética do deslimite*. Rio de Janeiro: Editora 7letras.

Joana Chissini, Paula Melgaço e Regina Murat

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. (1999). Vivendo de modo criativo. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido: 9/4/2019

Aceito: 14/5/2019

Joana Chissini

Rua Ministro Otávio Kelly, 358. Icaraí

Niterói – RJ – CEP: 24220-301

(21) 98565-0331

jmchissini@gmail.com

Paula Melgaço

Rua Dona Mariana, 113/204. Botafogo.

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22280-020

(21) 99992-2296

Paulamelgaco.psi@gmail.com

Regina Murat

Rua Gildásio Amado, 55/702 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22631-020

(21) 2491-1128

reginamurat@terra.com.br